

Geografia e Fenomenologia: Algumas aproximações a partir da Geografia Humanista e da Geografia das Representações¹

Clélio Santos²
UPE – Campus Garanhuns

Resumo

Ao discutir as aproximações existentes entre Geografia e Fenomenologia, o presente texto objetiva contribuir com reflexões que relacionam o objetivo e o subjetivo, a partir de uma análise intersubjetiva embasada numa perspectiva de um espaço social. Assim, a partir do entendimento do Espaço, enquanto objeto de estudo da Geografia, apresenta-se uma análise das contribuições da Geografia Humanista e da Geografia das Representações, que vão além dos estudos que abarcam apenas a materialidade das relações sociais no espaço.

Palavras-chave: Geografia, Fenomenologia, Geografia Humanista e Geografia das Representações

A noção de espaço em Geografia desponta como um conceito-chave fundamental na análise da sociedade, ou seja, no entendimento da ação humana modelando a superfície da terrestre. Todavia, a expressão espaço geográfico ou simplesmente espaço, possui várias acepções, associadas tanto a uma simples referência de localização, quanto a uma porção da superfície da Terra identificada ora pela natureza, ora pelas marcas ali impressas pelo homem. O seu uso também se encontra associado a diferentes escalas, quais sejam: Global, regional, da cidade, do bairro, da rua, da casa e até mesmo de um cômodo desta.

O espaço geográfico, segundo Corrêa (1995b, p. 44), constitui-se a morada do homem. “Absoluto, relativo, concebido como planície isotrópica, representado através de matrizes e grafos, descrito através de diversas metáforas, reflexo e condição social, experienciado de diversos modos, rico em simbolismos e campo de lutas”.

No âmbito dos debates acerca da natureza e do significado do espaço, as reflexões de Milton Santos, destacam-se na compreensão do espaço em sua totalidade³, ou seja, no “[...]”

1 Texto extraído e adaptado da dissertação: “Estudo de Práticas Sócio-espaciais em um Conjunto Habitacional do BNH: reflexões acerca de práticas cotidianas atuais no Condomínio Residencial Ignêz Andreazza (CRIAZZA) em Recife – PE”, apresentada ao Programa de Mestrado em Geografia da UFPE.

2 Professor Assistente da UPE – Campus Garanhuns - PE e da UNEAL – CAMUZP – União dos Palmares – AL. (clesantos@yahoo.com).

3 A idéia de totalidade, advinda da filosofia clássica, seria aquela em que todas as coisas presentes no universo formam uma unidade. Cada coisa nada mais é que parte da unidade, do todo, mas a totalidade não é a simples somas das partes. As partes que formam a totalidade não

conjunto de todas as coisas e de todos os homens, em sua realidade, isto é, em suas relações, e em seu movimento”. (SANTOS, M., 1997, p. 94)

Avançando nesta linha de raciocínio, M. Santos (1997, p. 51) concebe o espaço “[...] formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. Os objetos, enquanto herança da história natural e resultado da ação humana que se objetivou, representam tudo o que existe na superfície terrestre. Enquanto que, as ações resultam de necessidades naturais ou criadas (materiais, imateriais, econômicas, sociais, culturais, morais ou afetivas), que conduzem os homens a criar e utilizar os objetos.

O espaço como qualquer outra realidade social, não é apenas uma entidade objetiva, tendo em vista que sua objetividade pode ser lida de forma intersubjetiva. A materialidade do espaço “[...] é dotada de significações específicas para cada indivíduo (subjetividade) mas que são também, em certa medida, compartilhadas por vários indivíduos (intersubjetividade)”. (SOUZA, 1997, p. 23)

Nesta perspectiva, a Fenomenologia⁴ propõe o modo intersubjetivo ou modo fenomenológico, visando transpor o dualismo entre os modos subjetivo e objetivo de compreensão da experiência. Neste intuito, esforça-se para desvendar o diálogo entre os indivíduos e a subjetividade do seu mundo. A diferença essencial em relação aos métodos convencionais de investigação, centra-se na distinção entre comportamento e experiência, isto é, na crítica fenomenológica de duas questões: a relação do corpo e da mente e a relação da pessoa e o mundo. “A pessoa (corpo, mente, emoção, vontade) e mundo estão engajados nos processos e padrões observáveis no comportamento evidente”. (BUTTNER, 1982, p. 176-177)

Assim, como sugeriu Merleau-Ponty citado em Buttner (1982, p. 175-176), “[...] poderíamos abordar os dados pré-cognitivos da experiência, definidos não em termos de nosso conhecimento sobre eles, mas pelo nosso comportamento em relação a eles. Identificou isto como o estudo da percepção, que tem lugar num mundo já padronizado, ou que está em processo de tornar-se”.

bastam para explicá-la. Ao contrário, é a totalidade que explica as partes. Quando a sociedade muda, o conjunto de suas funções muda em quantidade e em qualidade. (SANTOS, M., 1997)

4 A Fenomenologia pode ser definida como um modo filosófico de reflexão a respeito da experiência consciente e uma tentativa para explicar isso em termos de significado e significância. (BUTTNER, 1982, p. 170)

A intersubjetividade, segundo Holzer (1997, p. 79), “[...] acontece no momento em que o corpo, como elemento móvel, coloca-se em contato com o exterior e localiza o outro, comunicando-se com outros homens e conhecendo outras situações”.

As pessoas nascem dentro de um mundo intersubjetivo, onde aprendem a linguagem e os estilos de comportamento social que lhes permitem engajar-se no mundo diário. A intersubjetividade sugere, assim, uma situação herdada que circunda a vida diária. Mas, além disso, ela é também um processo pelo qual os indivíduos continuam a criar seus mundos sociais.

O mundo para o fenomenologista é o contexto dentro do qual a consciência é revelada. Este se encontra ancorado num passado e direcionado para um futuro, é um horizonte compartilhado, embora cada indivíduo possa construí-lo de um modo singularmente pessoal. Os indivíduos, uma vez conscientes do mundo vivido na experiência pessoal, devem apreender os horizontes compartilhados do mundo de outras pessoas e sociedade como um todo.

A Fenomenologia, no intuito de propiciar algumas condições e forças unificadoras na experiência humana do mundo, convida os indivíduos a partir das suas próprias experiências, a buscar denominadores comuns na experiência dos outros. Estas condições unificadoras residem nas facetas rotineiras da vida diária, no conceito fenomenológico e existencialista da *lebenswelt* (mundo vivido), definido como um "horizonte abrangente de nossas vidas individual e coletiva". (BUTTNER, 1982, p. 172)

A noção de mundo vivido emerge como facetas pré-refletivas, dadas como certas, da experiência diária, os significados não questionados e determinantes do comportamento. Trata-se de um procedimento para descrever o mundo cotidiano do homem, a partir da experiência imediata, suas ações, lembranças, desejos e percepções. (HOLZER, 1992)

O espaço, na perspectiva fenomenológica, consiste num “[...] conjunto contínuo e dinâmico, no qual o experimentador vive, desloca-se e busca um significado. É um horizonte vivido ao longo do qual as coisas e as pessoas são percebidas e valorizadas”. (SCHRAG apud BUTTNER, 1982, p. 174)

A partir deste contexto de experiência de sujeitos cognoscentes organizados em sociedade, o espaço social, palco material e objetivo de relações sociais, é, em certa medida, “construído” intersubjetivamente, no bairro, na região, na “terra natal”, na “pátria” e etc”. (SOUZA, 1997, p. 23)

Neste sentido, as pesquisas no âmbito da Geografia, destacando-se as Geografias Humanista e das Representações, no intuito de descrever a experiência humana do espaço, através do aporte fornecido pela Fenomenologia, considera o mundo vivido como o substrato latente da experiência. O comportamento no espaço e no tempo seria observado de forma superficial, sendo as suas profundidades sentidas só vagamente. Quanto à experiência individual ou coletiva, os padrões visíveis de movimento e atividade consciente podem ser elucidados pela exploração do dinamismo das tensões de suas bases subjacentes. Assim, problemas aparentes na experiência diária do mundo são refletidos tanto no conflito entre o que os indivíduos e os grupos têm como acertado sobre o lugar, o espaço e a sociedade, quanto pelo que as instituições administrativas e funcionais dos sistemas espaciais e bioecológicos têm como certo na organização dos meios ambientes. (BUTTIMER, 1982, p. 185)

A utilização das noções fenomenológicas, dentre os geógrafos humanistas, iniciaram-se a partir do descontentamento de alguns geógrafos com o uso dos modelos mecanicistas e cientificistas da Nova Geografia. Estes geógrafos foram buscar na Fenomenologia modos de análise e conceitualização que lhes permitissem refletir sobre o significado experiencial da ocupação da terra.

Dentre estes geógrafos, destacam-se: Carl Sauer, apontado como um dos precursores da Geografia Humanista, desenvolvendo uma abordagem simples para descrever a paisagem e negando o uso de modelos científicos; e David Lowenthal, que inaugurou os estudos da percepção do entorno, através da experiência subjetiva, a fantasia e o gosto dos lugares.

Sauer e Lowenthal, no início do século XX, deram início a uma nova forma de se observar a Geografia, através do aporte da Psicologia Comportamental e do Urbanismo Culturalista.⁵ Eles, ultrapassaram os limites dos estudos das regiões francesas iniciados por Vidal de La Blache, que, a partir do conceito de Gênero de Vida, explicava os lugares e não o homem na sua região cultural, ou seja, não abordavam as relações sociais, apesar das paisagens refletirem a organização do trabalho.⁶

Na década de 1970, conseqüentemente, em virtude deste movimento de renovação e revisão dos conceitos e bases filosóficas, os geógrafos humanistas conseguem consolidar a

⁵ Neste sentido, a Geografia busca nas ciências afins servir-se de noções capazes de explicar a complexidade dos fenômenos, por isto não se fixa em uma única forma de abordá-los. Todavia, esta interdisciplinaridade não é nova nesta ciência, segundo La Blache (1982, p. 37), “A Geografia é considerada como se alimentando nas mesmas fontes de fatos da Geologia, da Física, das Ciências naturais e [...] das Ciências Sociológicas”.

Geografia Humanista, atribuindo-a uma identidade própria. Foram iniciadas pesquisas sobre a territorialidade e o comportamento dos indivíduos com o meio ambiente próximo, o que possibilitou vários esclarecimentos sobre os fundamentos orgânicos, cognitivos, afetivos e simbólicos da identificação dos indivíduos com o lugar.

Neste contexto, os trabalhos de Edward Relph, Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer, Mercer e Powell, destacam-se dentre o elenco de estudos que concebem o espaço “[...] constituído como um mosaico de lugares especiais, cada qual estampado pela vontade, valor e memória humana”. (BUTTIMER, 1982, p. 177).

A Geografia Humanista, calcada nas filosofias do significado, Fenomenologia e Existencialismo, diferentemente, de outras abordagens científicas que visam minimizar o papel da conscientização humana e do conhecimento, privilegia compreender como as atividades e os fenômenos geográficos revelam a qualidade da conscientização humana.

A Geografia Humanista tem na compreensão, ao invés da explicação, a base da legibilidade do mundo real. Privilegiando o singular em detrimento do particular ou do universal, esta corrente ressalta os sentimentos, valores e propósitos da ação humana. De acordo Capel (1981, p. 443), a Geografia Humanista “[...] é um desenvolvimento em Geografia da dimensão subjetiva e da experiência pessoal, realizada pela Geografia da percepção e do comportamento”.

Ao geógrafo humanista compete interpretar a experiência humana, esclarecer o significado dos conceitos, dos símbolos e das aspirações, quando se referem ao espaço e ao lugar. Compete, também, mostrar que os significados e as valorizações presentes no espaço podem organizar a visão de uma paisagem ou as decisões sobre atividades a serem desenvolvidas. Surge, assim, a partir destas valorizações os sentimentos de pertencer ou repelir a um lugar.

Nesta perspectiva, considerando-se que a abrangência dos fenômenos, os acontecimentos e as experiências humanas são assim transpostas nas paisagens. A paisagem se constitui num meio natural, um meio humano, é um território vivido por um grupo, um lugar de criação (estético-simbólico) em renovação permanente.

Segundo GOMES (1994, p. 148), paisagens “[...] significam recortes do espaço, reservatórios de *utopias*: estéticas, políticas, intelectuais e didáticas”. A paisagem envia-nos, então, a um campo que se estrutura na relação do eu com o outro, um reino onde ocorre a

6 Segundo La Blache citado em CLAVAL(1999, p. 33), “a Geografia é ciência dos lugares e não dos homens”.

nossa história. "A Paisagem guarda camadas de complexidade que se ampliam na lida com seus arcabouços teóricos e nos exercícios práticos de seus reencontros e representações ao longo da história". (GOMES, 1999, p. 123)

Neste contexto, os geógrafos humanistas, apesar do grande esforço no âmbito da Geografia Humanista em se diferenciar da Geografia Histórica e Cultural, desenvolveram vários trabalhos utilizando-se a categoria paisagem. Distinguiram-se, assim, três vertentes: a Geosofia Histórica, a percepção da paisagem através da pintura era considerada como evidência das mudanças nas percepções ou imagens da região; A Teoria da Paisagem avaliou os aspectos subjetivos da Paisagem Cultural; E por fim, a Leitura da Paisagem Urbana, abordava os aspectos negligenciados do comportamento urbano e ensaiou novas propostas metodológicas e teóricas.

Todavia, só a partir de Yi-Fu Tuan, um dos principais representantes desta última vertente, que a categoria paisagem passa a ser substituída pelas categorias de espaço, especificamente espaço vivido e Lugar na investigação das características subjetivas e objetivas da experiência humana.

Neste sentido, a "Geografia Humanista procura um entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, de seu comportamento geográfico bem como dos seus sentimentos e idéias a respeito do espaço e do lugar". (TUAN, 1982, p. 143)

O estudo do espaço envolve, então, os sentimentos espaciais e as idéias de um povo através da experiência, enquanto o lugar é o centro de significado e foco de vinculação emocional para o homem.

Consequentemente, segundo Tuan (1983), existem vários tipos de espaços, um pessoal, outro grupal, onde vive-se a experiência dos outros, e o espaço mítico-conceitual⁷, cujo exemplo é o espaço sagrado, isto é, uma manifestação do sagrado.

O espaço vivido, portanto, refere-se ao afetivo, ao mágico, ao imaginário. Este consiste numa experiência contínua, egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido. (HOLZER, 1992) Além disso, o espaço vivido é também um campo de representações simbólicas. Simbolismos estes que vão traduzir em sinais visíveis não só o

⁷ "O espaço mítico é também uma resposta do sentimento e da imaginação às necessidades humanas fundamentais". (TUAN, 1983, p. 112)

projeto vital de toda sociedade, mas também as suas aspirações, crenças, o mais íntimo de sua cultura.

Os geógrafos humanistas, diante disso, afirmam que o espaço não pode ser reduzido à simples relações geométricas, numa alusão a Nova Geografia, pois os homens vivem e atuam num espaço concreto e pessoal, modelado mentalmente pela experiência e um campo de representações simbólicas.

Todavia, o espaço visto desta forma, seria amplo, desconhecido e até mesmo temido ou rejeitado, correspondendo a qualquer parte da superfície da terra. Por outro lado, o espaço, enquanto lugar, manifesta-se através de experiências cotidianas, ordenando-o e lhe dando significados. (MATTOS, 1995)

Desta forma, o espaço enquanto lugar “transcende sua condição meramente objetiva, de suporte material para o existir humano (produzir, habitar, circular, amar, guerrear), reaparecendo em plano conceitualmente mais elevado: materialidade dotada de significado. Parte da experiência humana”. (SOUZA, 1997, p. 23)

Segundo HOLZER (1992), é a partir das pesquisas de Tuan, que o lugar passa a ter uma dimensão no próprio cotidiano experienciado, humanizando o conteúdo do espaço. Assim, se pode diferenciar espaço (objeto abstrato de análise científica) e lugar (a experiência no espaço cotidiano).

Tuan, em 1974, ao estudar as atitudes percepções e valores dos homens em relação ao ambiente, propôs o termo *Topofilia*, “[...] elo entre a pessoa e o lugar ou quadro físico”, ou seja, “[...] o conjunto de relações afetivas e emocionais que o homem mantém com o lugar”. (TUAN, 1980)

A partir desta valorização da percepção e das atitudes advém o interesse em estudar os gostos, as preferências, as características e as particularidades dos lugares. “Valoriza-se também o contexto ambiental e os aspectos que redundam no encanto e na magia dos lugares, na sua personalidade e distinção”. (CHRISTOFOLETTI, 1982, p. 23)

A noção de lugar, refere-se, assim, ao centro de significado e o foco de vinculação emocional para o homem. Esta categoria possui um sentido, um espírito uma personalidade que se manifesta através da apreciação visual ou estética e pelos sentidos vinculados a uma longa vivência.

Qualquer espaço, no entanto, não pode ser considerado um lugar, pois o lugar emerge através dos sentimentos e afeições que lhe são associados. Este é o centro de significância afetiva ou um foco de ação emocional de uma pessoa ou grupo de pessoas. Desta forma, é através das experiências cotidianas, que os espaços são ordenados e lhe são atribuídos significados.

Nesta perspectiva, os lugares humanos podem variar em tamanho. Assim, tanto "uma poltrona perto da lareira", quanto um estado nação podem ser lugares. (TUAN, 1980, p. 142) Segundo Relph citado em Holzer (1992), a identidade dos lugares possui três componentes interrelacionados: traços físicos, atividades e funções observáveis e significados ou símbolos.

Além disso, o conceito de lugar pode ser classificado de três maneiras: lugar vivido, lugar percebido e lugar concebido; não esquecendo o conceito de não lugar, desenvolvido por Relph, visto como um produto da supermodernidade, como por exemplo as vias expressas e os aeroportos.

Sendo assim, a partir da importância concedida a percepção e a experiência pessoal ou coletiva, a “[...] ênfase se desloca do espaço, um conceito abstrato, ao lugar, no âmbito da existência real e da experiência vivida”. (CAPEL, 1981, p. 444)

A Geografia das Representações, por sua vez, tem como objetivo principal analisar a forma como o vivido do homem contribui na elaboração das imagens mentais, e como estas influenciam as práticas sócio-espaciais que modificam o vivido do homem.

As imagens mentais constituem, então, as representações que se utilizam das informações conceituais (abstratas) e da experiência perceptiva direta, correspondendo, ao mesmo tempo, a insumos da memória e da percepção. Consequentemente, possuem tanto a função referencial na reconstrução das percepções, quanto a função elaborativa para organizar as novas relações e as experiências anteriores. (BAILLY apud MESQUITA, [1994])

A Geografia das Representações, em outras palavras, no intuito de ultrapassar as análises morfológicas e funcionais do espaço, introduz a afetividade e o simbolismo na interpretação de nossas práticas cotidianas. Isto ocorre a partir do uso das representações mentais e do imaginário⁸, nos estudos da densidade das relações tecidas entre o homem e o seu território.

⁸ O imaginário social corresponde àquelas representações que, entremeadas e articuladas, correspondem, sistematicamente e em linha ascendente, a desejos expectativas, projetos, valores, crenças e hábitos. (FERRARA apud CAMPOS, 1997, p. 52)

De acordo com Relph, as representações mentais revelam os sistemas de valorização e satisfação que explicam a diversidade do mundo e a sensibilidade dos lugares, quer seja da habitação ou de espaços mais amplos. (BAILLY, 1986)

As relações entre espaços e representações, no entanto, só se tornam possíveis a partir da análise dos processos cognitivos, que tratam dos mecanismos de aquisição, de representação dos objetos e suas transformações em conhecimentos úteis para nossos julgamentos e decisões. O ato de representar um objeto, então, não consiste em simplesmente reproduzi-lo, mas reconstituí-lo, com transformações. (MOSCOVICI, 1978)

As representações vinculadas aos fatos sociais, passíveis de observação e interpretação não são dadas a priori e não são universais na consciência. O substrato social, segundo Durkheim, é a base das representações e algumas destas bases exercem uma coerção social sobre nós para atuarmos em determinado sentido, como por exemplo, a religião e a moral, as categorias de espaço, de tempo e de personalidade, e as representações sociais históricas.

Enquanto criações sociais de idéias, as representações, apresentam-se tanto como representações sociais, a reprodução de uma percepção anterior ou do conteúdo do pensamento, quanto como representações sociais coletivas, categorias de pensamento pelas quais uma sociedade elabora e expressa sua realidade. Assim, as representações sociais, “são todas elas maneiras de agir; pensar e sentir, exteriores ao indivíduo e dotadas de um poder coercitivo em virtude do qual se lhes impõe”. (DURKHEIM apud MESQUITA, 1999).

Neste sentido, segundo Serge Moscovici (1978, p. 28), a representação social pode ser definida como “um corpus organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, e liberam os poderes de sua imaginação”.

A Geografia das Representações, portanto, a partir da noção fenomenológica de mundo vivido, busca revelar as experiências do vivido através de dados individuais e subjetivos. Desta forma, considerando as noções de espaço vivido e espaço percebido, as representações do espaço podem ir além da simples percepção do ambiente real, referindo-se também a espaços não percebidos atualmente ou a espaços imaginários.

A partir do mundo cotidiano, os conjuntos de abstrações que envolvem o senso comum podem ser interpretados e construídos, pois a existência cotidiana é dotada de significados, selecionados através de construções mentais e de "representações" do "senso comum". (MESQUITA, 1999).

Uma representação, desta forma, segundo Moscovici citado em Mesquita (1999), "é o senso comum que se tem sobre um determinado tema, onde se incluem também os preconceitos, ideologias e características das atividades cotidianas (sociais e profissionais) das pessoas".

Neste contexto, os estudos sobre o papel das representações no comportamento dos homens datam do início do século XX, quando foram desenvolvidos trabalhos sobre o deslocamentos dos homens no espaço e as pertencas regionais ou nacionais, tratam-se de representações coletivas do espaço que explicam os vínculos territoriais e dão sentido aos lugares.

Contudo, foi apenas na década de trinta, a partir das pesquisas de Skinner "Estímulo e Resposta", que a idéia de relações diretas entre os estímulos do ambiente e o comportamento humano pode se desenvolver. Emerge, assim, o enfoque ambientalista, fundamentado em análises do comportamento dos indivíduos. Estas análises designam um comportamento vinculado às condições do ambiente, sobretudo, os meios físico natural e o quadro construído.

Dentre os autores que desenvolveram trabalhos vinculados as ligações entre comportamentos humanos e espaços vividos, destaca-se Kevin Lynch (1997). Este autor analisou o papel de certos elementos externos e as propriedades geométricas que o homem utiliza dentro de suas práticas. Em suas preocupações há uma valorização do processo de apreensão do indivíduo e dos elementos visualizados e retidos na memória, recuperados através dos mapas mentais. Também, atribui-se a ele, a origem do *Behavior Setting*, o "estudo do espaço dentro do território representado e praticado por uma comunidade humana". (BAILLY, 1986) Todavia, apesar desses estudos constituírem uma referência para a análise do espaço urbano em função das percepções e representações sócio-espaciais dos seus usuários, os críticos alegam que Lynch não contemplou as dimensões sociais, culturais e ideológicas da percepção ambiental.

A noção de intersubjetividade, portanto, contribui na união das dimensões pessoais e coletivas da experiência humana do espaço, lançando luz sobre as tensões entre o passado e o presente e sobre as implicações dos estilos característicos de qualquer *status quo*. (BUTTNER, 1982)

A partir do exposto, portanto, percebe-se que dessa aproximação entre Geografia e Fenomenologia as noções de espaço apresentadas, envolvem um complexo de idéias, que se distanciam das concepções de espaços que abarcam apenas a sua materialidade enquanto

objeto das relações sociais, e aproxima-se da perspectiva de um espaço social, que relaciona o objetivo e o subjetivo, a partir de uma análise intersubjetiva da realidade.

REFERÊNCIAS

- BAILLY, Antoine. S. “*Representações Espaciais e Dinâmicas Urbanas e Regionais.*” Tradução livre de Edvânia T. A. Gomes. Montreal: Éditions régionales européennes, 1986. 10p.
- BUTTNER, Anne. Aprendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 165-194
- CAMPOS, Heleniza A. Planejamento Urbano e áreas centrais urbanas no Brasil: uma reflexão em torno das práticas sócio-espaciais de seus frequentadores. In: Associação Nacional de Pós-Graduandos e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Encontro Nacional da ANPUR, 7., 1997, Recife. Anais do 7 Encontro Nacional da ANPUR. V, 1. Recife: UFPE, 1997. p. 42-57.
- CAPEL, Horacio. *Filosofía y Ciencia en la Geografía Contemporánea*. Barcelona: BARCANOVA, 1981.
- CHRISTOFOLETTI, A. As Perspectivas dos Estudos Geográficos. In: CHRISTOFOLETTI, A. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 11-36
- CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.
- CORRÊA, Roberto L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de.; GOMES, Paulo César da C.; e CORRÊA, Roberto L. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995b. p. 15-48.
- GOMES, Edvânia T. A. Inquietação em torno do Debate Sociedade-Natureza no Espaço da Cidade. In: SOUZA, Maria Adélia A. de. et al. (Org.) *O novo mapa do mundo. Natureza e Sociedade de Hoje: uma leitura geográfica*. São Paulo: Hucitec - ANPUR, 1994. p. 146 - 152
- GOMES, Edvânia T. A. Paisagem - registros de conceitos a partir da Geografia Alemã. In: VASCONCELOS, Pedro de A. & SILVA, Sylvio B. de M. (Orgs.). *Novos Estudos de Geografia Urbana Brasileira*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1999. p. 121- 142
- HOLZER, Werter. *A Geografia Humanista - sua trajetória de 1950-1990*. Dissertação de mestrado em Geografia. V. 1 e 2 Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- HOLZER, Werter. *Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de Paisagem e Lugar, Território e Meio-ambiente*. In: Território / LAGET, UFRJ. – ano II, N.º 3 (jul. / dez. 1997) – Rio de Janeiro: Garamond, 1997. p. 77-85.
- LA BLACHE, Paul Vidal de. *As características próprias da Geografia*. In: CHRISTOFOLETTI, A. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 37-48.
- LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MATTOS, Rogério B. de. O Mundo Vivido por uma comunidade urbana: o caso do Condomínio Residencial José de Alencar. In: *Cadernos de Geociências*. N.º 13, p. 47-62, jan. - mar. Rio de Janeiro: IBGE, 1995.
- MESQUITA, Zilá. *As bases para os estudos sobre Território e Identidade*. [1994] (mimeo)
- MESQUITA, Zilá. “*Território: imagens, representações e práticas.*” Apontamentos teóricos da disciplina ministrada no Programa de mestrado em Geografia da UFPE. Recife: 31/05 a 04/06, 1999.
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

- SANTOS, Clélio C. dos. Estudo de Práticas Sócio-espaciais a partir de um Conjunto Habitacional do BNH: Reflexões acerca de prática cotidianas atuais no Condomínio Residencial Ignês Andreazza (CRIAZZA) em Recife – PE. Dissertação de Mestrado em Geografia. Recife: UFPE, 2002
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. 2ª Ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- SOUZA, Marcelo Lopes. Algumas notas sobre a importância do espaço para o desenvolvimento social. *Território / LAGET, UFRJ*. Ano II, N.º 3, p. 13-36, jul.- dez., Rio de Janeiro: Garamond, 1997.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço & Lugar: perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.
- TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. *Perspectivas da Geografia..* São Paulo: DIFEL, 1982. p. 143-164
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia - um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.